

**Cristina Azevedo Tavares**

Professora Associada da FBAUL, Investigadora do CFCUL e CIEBA

Lisboa, julho de 2020

## António Viana e a qualidade de ser contemporâneo. Preâmbulo para Instalação Linha de Fractura.

A instalação Linha de Fractura (2012/19) representa na vida e obra de António Viana a apropriação de um espaço e de uma realidade, mas mais do que tudo trata-se de um exercício de revisitação e de reinterpretação dos movimentos do imaginário. Poder-se-ia afirmar que é uma operação endógena, em que o pintor que é também museógrafo cruza a materialidade dos objetos com imagens deles ou outras afins, num espaço real transformado noutra, que poderíamos indicar com o estatuto de cenário ou de lugar (ethos).

Simultaneamente esta Linha de Fractura é um acordar de memórias, sentimentos, crestados pelo tempo e pelas falhas que a distância habitual provoca. Todas estas obras nas suas diferentes componentes técnicas, pintura, fotografia, desenho e aquilo que não o sendo especificamente, podemos agrupar na categoria de objetos/assemblage porque se tratam de dioramas que se oferecem ao nosso olhar, desdobrando-se em segredos e alimentando-se em gestos que não existem mais.

O imaginário é sempre compósito no sentido que em si é constituído por diversas partes que mergulham indistintamente num magma, que só os artistas são capazes de clarificar nas obras realizadas. Assim António Viana, no conjunto das setenta e seis obras que apresenta, cujos suportes também variam, papel, tela, madeira, procura diversificar esses movimentos do imaginário que se traduzem na inquietação das formas, deslocando-as. Com isto procura-se dizer que mesmo quando os objetos se encontram fotografados nos locais da sua proveniência original eles sofrem uma desfocagem direta, como no conjunto de vinte cinco fotografias a preto e branco que constituem a exposição A Linha - Rua Académico Zagalo Sem Número integrada na Linha de Fractura. Estas situações ocorrem pela alteração da posição do objeto, da escala relativa ao todo por não estar representado na totalidade, ou estar focado de um ponto vista não usual e por muitas vezes estar sujeito a planos de corte, daí as referências ao desenho cotado.

Todas estas operações atuam como agentes de despiste (e não se esgotam na enunciação anterior) para impossibilitarem o nosso olhar de poder identificar o que eram estes objetos e qual era a função que desempenhavam, sendo que uma parte considerável habitava na oficina do pai de António Viana na casa da família na Figueira da Foz. Esta pequena oficina algo pessoal era a herdeira de uma antiga fundição de peças industriais, que há muito tempo tinha pertencido à família do pintor. A este grupo podemos associar a série de cinquenta desenhos sobre fotografias captadas *in loco* na oficina, intervencionadas com pastel de óleo através do traço expressivo ou da mancha colorida. Desta forma, as peças que constituem os tornos, os rolamentos, os fusos, os cones, as anilhas em particular as recartilhadas, além de ferramentas como os cabos, as chaves inglesas, as de fenda e de estrela, ou o simples alicate, as limas, os parafusos, as porcas e os moldes, e os voltímetros tornam-se protagonistas de outras narrativas, agora fora da oficina.

É de algum modo, esta revisitação e leitura detalhada do espaço da oficina e dos seus habitantes, máquinas e componentes deixados pelo derradeiro gesto do proprietário a meio das ações que os animavam, que se constitui como o motivo intrínseco, homenagem de António Viana a seu pai, iniciada em 2012 e que agora se assume inteira com uma ressignificação, ou melhor através de uma dotação de sentido para além do que o humano geralmente destina aos objetos, numa extensão que ultrapassa o seu utilitarismo. A atenção e conhecimento de António Viana relativamente às máquinas, ferramentas e mecanismos, não é vulgar nem despicienda, e ultrapassa muito este conjunto de obras, pois encontra-se desde há muito projetada e por consequência enraizada na sua obra, quer através da pintura e do desenho, mas também das instalações povoadas por objetos meio reais meio imaginários, micromundos da ficção.

Os quinze desenhos a lápis e a acrílico sobre papel incluídos nesta instalação Linha de Fractura são tentadores para a captação da estrutura das formas, também elas apanhadas na rede da representação para poderem ser outra coisa. Resolvendo-os numa paleta de transparências e opacidades e de contrastes onde o preto, o cinza e o branco são cortados pelo verde, azul castanho, dourado e amarelo, as peças da antiga oficina e de outros lugares, ganham uma vida nova e tornam-se antropomórficas. As formas das peças industriais são ampliadas, deformadas, sobrepostas, sofrendo alterações de escala, combinando o interior com o exterior, sujeitas a vários planos de corte, tal como os desenhos que desenvolvem temas que as fotografias já permitiam adivinhar. Ações e narrativas, por vezes interditas ao mundo dos humanos, como máquinas de desejo.

A pintura assume-se como variante fundacional de todo este conjunto de obras, afirmando-se no políptico onde de modo ousado exibem elementos de peças iniciando-se um diálogo impertinente com as cores fortes. O políptico em óleo sobre madeira é constituído por sete partes em que a pintura adensa a sua herança, a saber, mergulha naquilo que tem sido a linguagem utilizada por António Viana. As expressões de neopop e de neodadaísta poderiam ser adequadas ao seu trabalho, pois nele encontra-se uma recolção exaustiva dos objetos (mecanismos, partes de peças, imagens antigas de revistas, brinquedos) que levam à reapropriação dos mesmos, numa certa vertigem da cor e do preenchimento do espaço. Dessacralizando o conceito dos polípticos de tradição ocidental, onde a veneração e o tempo contemplativo faziam parte do ritual religioso (lembrança de Walter Benjamin), assume-se a transgressão como lugar do contemporâneo. Mais, em vertigem estes seres mecânicos, ou fazendo parte de mecanismos discursam entre o presente e o passado próximos, noutras obras (Proximidades 2014-16) aliando-se a uma composição colorida, vibrante, dir-se-ia quase frenética, deixando para trás a doçura e a agressividade do desenho feito a pastel denunciando o gesto.

A fotografia também surge como aparição de uma outra realidade, deformada pela dilatação ou ponto de vista do objeto. E as meias imagens ou imagens fragmentos reaparecem a partir de excertos de imagens de máquinas futuristas de revistas americanas da década de trinta do século passado. Mesmo assim na pintura o gesto é mais controlado, jogando-se na figura fundo. O ritmo é mecânico, a imagem é perfeita e completa, em voos rasantes sobre o suporte e em mergulhos para fora dele. Por isso estes habitantes contam histórias, episódios, desempenham funções, amam, odeiam e agridem-se como seres sexuais que são, máquinas desejanças, outra vez.

Que seja esta a condição da pintura, ou seja da arte para António Viana: o desejo. Quer, buscando um sentido próprio ao conjugar a cadência da BD, marcas da publicidade (vaselina, pasta Couto, jaguar) com a pulsão da máquina voadora futurista e antevendo na possibilidade do graffiti a comunicação da cidade que está a acontecer. Para todos os efeitos, as imagens são autofágicas e por isso mesmo, o pintor seleciona as suas afinidades eletivas e fixa-as. Nos quatro dioramas, por exemplo, o mundo de memórias incorpora o presente e dilui-se como uma mancha arrastada para o futuro. Incorporando a conceção e a poética da Série dos Modelos (2016) nos dioramas também passámos do bidimensional ao 3D, sendo que a madeira enquanto matéria natural persiste em contínuo, através de moldes de máquinas outrora utilizadas. Destituídos das funções primordiais, inoperantes, estes objetos extraordinários estendem tentáculos para novas festas em cenários mágicos antecipando o diálogo com miniaturas, peças metálicas, chips, bonecos de plástico, corais e um sem número de outras coisas. Brinquedos?!

Brincar. Escapar. Fintar. O outro. O mesmo. A pintura, o desenho, a fotografia e o diorama, são obras de António Viana que se completam, embora no plano expressivo ganhem independência e voz própria. São como vasos comunicantes em que flui a imaginação compósita, sendo esta característica a sua substância primeira. É esta a imaginação que busca sintomas, repetições, elos que vêm de outros tempos e ressurgem no presente futuro, seja através de imagens ou de objetos remetendo para a síntese da linguagem a mistura dos tempos que é a condição da contemporaneidade.